



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9539 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

UM CURRÍCULO EM DOIS TEMPOS: REFLEXÕES SOBRE A TRANSIÇÃO
EDUCAÇÃO INFANTIL/ENSINO FUNDAMENTAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Maria Carolina da Silva Caldeira - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

UM CURRÍCULO EM DOIS TEMPOS: REFLEXÕES SOBRE A TRANSIÇÃO EDUCAÇÃO INFANTIL/ENSINO FUNDAMENTAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Resumo

Este trabalho analisa práticas curriculares desenvolvidas na transição da educação infantil para o ensino fundamental em uma turma de 1º ano que tem estudantes público-alvo da educação especial incluídos para compreender que saberes são acionados nesse currículo. Por meio de uma pesquisa que utilizou elementos da etnografia educacional e da análise de discurso de inspiração foucaultiana, a pesquisa acompanhou esse currículo em dois tempos distintos: no contexto presencial e no ensino remoto emergencial, instaurado a partir da pandemia de Covid-19 no ano de 2020. O argumento desenvolvido é de que nessa transição, saberes relacionados ao *discurso do cuidado* emergem como importantes tanto no contexto presencial como no ensino remoto. Nesse processo, demanda-se uma professora atenta às necessidades dos/as educandos/as e um currículo aberto à inclusão de saberes que não são aqueles que tradicionalmente se associa ao ensino fundamental. Por meio dessa articulação, é possível tornar esse currículo espaço de vivências alegres para aqueles/as que o vivenciam.

Palavras-chave: Currículo; Inclusão; Cuidado.

Introdução

A lógica curricular é marcada pela divisão temporal. Desde os primórdios da escola, dividir os tempos para ordenar os saberes faz parte da forma como o currículo foi pensado (VEIGA-NETO, 2007). Nesse sentido, horários para cada uma das disciplinas escolares, tempos para brincar e para estudar e momentos para desenvolver diferentes habilidades foram construídos e implementados. Com a instituição de sistemas de educação de massa, etapas específicas para a escolarização, baseadas tanto na idade cronológica dos/as estudantes, como em seu "desempenho" escolar foram construídas. No caso brasileiro, uma importante divisão temporal que marca a trajetória escolar das crianças refere-se à passagem da educação infantil para o ensino fundamental. Essa transição separa crianças de 0 a 5 anos daquelas que completam 6 até determinado período do ano letivo e define currículos distintos, que, apesar

de idealmente buscarem uma articulação, ainda são bastante diferentes entre esses dois níveis de ensino.

Em diferentes momentos históricos, crianças com deficiência e transtornos globais de desenvolvimento (que são consideradas como público-alvo da educação especial, de acordo com Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/1996) também tiveram sua trajetória escolar marcada temporalmente de outra forma. Assim, mesmo que tivessem a mesma idade cronológica que seus pares, estavam submetidas a outra lógica temporal e vivenciavam outro currículo. Nos últimos trinta anos, o movimento de inclusão escolar demanda que estudantes PAEE sejam incluídos nos mesmos espaços e tempos que seus pares de idade, inserindo-se nas mesmas normas e práticas curriculares.

Este trabalho procura compreender a transição da educação infantil para o ensino fundamental, especificamente no que se refere aos/às estudantes PAEE, tendo como foco central a análise do currículo praticado no 1º ano do ensino fundamental. Fragmento de uma pesquisa que teve como objetivo investigar as relações que crianças PAEE estabelecem entre si, seus pares e o currículo, o trabalho que aqui se apresenta sofreu uma reformulação em função da pandemia de Covid-19 que assolou o Brasil e o mundo em 2020. Nessa direção, apresenta-se aqui o contato inicial dessas crianças com o currículo – ainda na modalidade presencial – e as reconfigurações necessárias a partir da retomada remota das atividades de ensino. O objetivo do trabalho é analisar que saberes emergiram nesses dois tempos curriculares e seus efeitos no currículo.

Com base em uma perspectiva pós-estruturalista, particularmente nos conceitos de saber, discurso e posição de sujeito desenvolvidos por Michel Foucault, são analisados dois episódios envolvendo crianças PAEE e o currículo do ensino fundamental, um deles no ensino presencial e outro no contexto do ensino remoto emergencial (ERE). A análise do currículo nesses dois tempos permitiu perceber que saberes que se articulam ao *discurso do cuidado* foram importantes em ambos os contextos. Dessa forma, argumenta-se neste trabalho que, em dois tempos distintos, o currículo que incorpora saberes do *discurso do cuidado*, produziu alegrias e possíveis no currículo do 1º ano do ensino fundamental, permitindo compreender o currículo como espaço em que “é sempre possível movimentos para deformar as formas, reativar as forças, instaurar possibilidades e ativar alegrias” (PARAÍSO, 2015, p. 49).

Entre um carrinho e *Coldplay*: o cuidado com o corpo e com as relações no currículo do ensino fundamental

Com base em elementos da etnografia educacional de inspiração pós-moderna (CALDEIRA; PARAÍSO, 2016), uma turma de 25 crianças que iniciava seus estudos no 1º ano do ensino fundamental em uma escola de tempo integral foi acompanhada no decorrer do ano letivo de 2020. Essa turma tinha três crianças público-alvo da educação especial, sendo que duas tinham diagnóstico de transtorno do espectro autista e uma de paralisia cerebral. Além disso, compunham a turma duas professoras referência (que lecionavam português, matemática, ciências humanas e da natureza), um professor de música, uma professora de artes visuais, um professor de educação física, uma professora de inglês e três monitoras, estudantes da graduação.

A transição da educação infantil para o ensino fundamental é apresentada como importante em diferentes documentos curriculares como, por exemplo, na Base Nacional

Comum Curricular em que se afirma que é “necessário estabelecer estratégias de acolhimento e adaptação tanto para as crianças quanto para os docentes, de modo que a nova etapa se construa com base no que a criança sabe e é capaz de fazer, em uma perspectiva de continuidade de seu percurso educativo” (BRASIL, 2018, p. 53). Apesar dessas indicações, diversos estudos mostram que há uma ruptura quando se trata dessa passagem e, de modo geral, “a despeito dos avanços teóricos, das mudanças nas políticas públicas e nas propostas curriculares, predominaram práticas instrucionais voltadas ao ensino, mesmo em relação às crianças bem pequenas” (KRAMER, NUNES, CORSINO, 2011, p. 78).

Na escola investigada, todavia, o que se encontrou foi um currículo que não estava centrado apenas no ensino, mas também incluía outros saberes. Por se tratar de uma escola de tempo integral, as crianças realizam nela uma série de atividades além das relacionadas às disciplinas escolares, como almoço, lanche e higiene, sendo necessário incluir saberes relativos a essas questões no currículo. Para uma das crianças PAEE, o momento de almoço foi particularmente desafiador e exigiu que fossem construídas estratégias diferenciadas, como pode ser visto no excerto a seguir:

Mais uma vez na hora do almoço, Lucas[1] não quis se alimentar. A professora levou um carrinho da sala de aula para o refeitório e ficou brincando dizendo que aquele carrinho gostava muito de crianças que comiam tudo e que ele iria escolher quem seria o seu dono. Lucas se assentou, demonstrando interesse pelo objeto. A professora ofereceu uma colher de comida para Lucas, que aceitou. Na sequência, ele mesmo comeu sozinho o restante da comida e ficou com o carrinho para si. Ao final, a professora e os monitores que estavam presentes aplaudiram Lucas, que demonstrou grande alegria (Trecho do diário de campo, 17/03/2020).

Oliveira e Tiriba (2020, p. 37) apontam que a “desvalorização do cuidado, como fonte de princípios, valores e atitudes fundamentais à existência, tem raízes no sistema capitalista-urbano-industrial-patriarcal”. Em uma sociedade que procurava ser lucrativa e na qual o cuidado era realizado sobretudo por mulheres, essas práticas foram relegadas ao segundo plano. Entretanto, nos últimos anos, o cuidado se constitui cada vez mais em uma necessidade da sociedade contemporânea, seja por questões externas (como o envelhecimento da população), seja pela percepção da necessidade de construir práticas baseadas naquilo Boff (1999, p. 13) chama de um “princípio inspirador de um novo paradigma de convivialidade”.

Com base em uma perspectiva foucaultiana, considera-se que esses diferentes elementos constituem o *discurso do cuidado* que tem entrado na disputa na constituição de currículos de diferentes níveis de ensino. Foucault (1996, p. 8-9) afirma que em toda sociedade “a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos”. Parece que, no momento atual, o *discurso do cuidado* entrou na disputa discursiva de maneira a possibilitar que saberes que o compõem ganhem espaço nos currículos.

Na educação infantil, essas práticas são parte integrante do currículo oficial, como estabelecido na BNCC. Porém, no ensino fundamental é comum que elas deixem de ter centralidade. Ao se inserir em uma escola de tempo integral, entretanto, as práticas de cuidado – que envolvem diferentes dimensões, entre as quais pode se destacar a alimentação – adquirem relevância. Nessa direção, o excerto apresentado anteriormente mostra como esses são saberes que podem produzir alegria nos currículos praticados na transição da educação infantil para o ensino fundamental.

Esses saberes também se mostraram necessários a partir da interrupção das atividades presenciais por causa da pandemia de Covid-19, no dia 18/03/2020. Essa marca temporal produziu profundas alterações na educação de modo geral, ao mesmo tempo em que agudizou as desigualdades existentes em nosso país. Para suprir a ausência das aulas presenciais, muitas instituições de ensino adotaram o ensino remoto emergencial (ERE) que, segundo Saviani (2020, p. 5) “é posto como um substituto do ensino presencial excepcionalmente nesse período da pandemia em que a educação presencial se encontra interdita”.

Na escola em que foi realizada a pesquisa, o ERE se iniciou em agosto de 2020. A instauração de um outro tempo de escolarização provocou rupturas e exigiu que novos saberes fossem integrados ao currículo. Assim, o primeiro encontro síncrono foi destinado às explicações sobre o funcionamento da plataforma e aos combinados sobre como seriam as aulas, combinados estes retomados várias vezes ao longo do 1º ano. Outros saberes também estiveram presentes, mas aqueles relativos ao cuidado ainda marcaram esse outro tempo, como pode ser visto a seguir.

Nesta aula (realizada pela Plataforma Meet), a professora mostrava uma placa com o nome e a foto de uma criança. Essa criança deveria responder duas perguntas que eram apresentadas em um dado. Adriana foi a segunda aluna a ser chamada, porém inicialmente ela estava chorando e pediu para conversar com seu pai antes de responder. Vendo isso, a professora passou para outras crianças e depois retornou a ela. Sua pergunta era um personagem e cor favorita. Adriana respondeu que sua cor favorita era o rosa e que seu personagem favorito era o Coldplay (banda de rock). A professora riu e disse que adorava a banda também. Adriana nesse momento se demonstrou bem eufórica e chegou até a bater algumas palmas. (Trecho do diário de campo, 23/09/2020)

Outra dimensão do cuidado aparece aqui. Não se trata mais do cuidado com o corpo, como aquele que envolve as questões da alimentação, mas sim do cuidado com os sentimentos, a emoção e a alteridade. O “cuidar do outro, preocupar-se, estar atento às suas necessidades” (HIRATA; GUIMARÃES, 2012, p. 2) se apresenta quando a professora percebe as demandas de uma criança, dá a ela espaço para falar de suas preferências e se coloca como alguém que tem gostos semelhantes. Novamente, saberes relativos ao cuidado emergem nesse contexto, produzindo alegrias nesse currículo.

Considerações finais

Este trabalho mostrou como no currículo praticado no 1º ano do ensino fundamental elementos relativos ao *discurso do cuidado* emergem como importantes para o trabalho com as especificidades das crianças, particularmente aquelas nomeadas como PAEE. Evidenciou como em dois tempos curriculares distintos (no contexto presencial e no ERE) diferentes dimensões desse discurso emergiam e produziam efeitos nas crianças, no currículo e na docente. Nesses contextos, esse discurso demandava que a professora assumisse uma posição de sujeito sempre atenta às necessidades das crianças e capaz de pensar em estratégias para atender às suas singularidades. O currículo, por sua vez, precisava se abrir para permitir a emergência de outros saberes, como aqueles que envolvem o cuidado consigo, com as

relações e com o outro. Isso criava possibilidades nesse currículo que iam além dos saberes tradicionais e envolviam a vida e a alegria. Afinal, o cuidar se relaciona a um aprender que “implica vida, força, mobilização movimento, deslocamentos de sentidos” (MANTOAN; LIMA, 2017, p. 828). Os pequenos atos de cuidado em um currículo do 1º ano do ensino fundamental mobilizam “aprenderes” diversos que, mesmo que ainda desvalorizados socialmente, estão diretamente implicados na manutenção da vida e na ampliação de possibilidades de vida em um currículo.

Referências

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB, 2018.

CALDEIRA, Maria Carolina; PARAÍSO, Marlucy. Etnografia educacional e análise de discurso: uma bricolagem metodológica para pesquisar currículos. **Revista e-Curriculum (PUCSP)**, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya. Introdução. In: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya. **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care**. São Paulo: Atlas, 2012. p.1-11.

KRAMER, Sonia; CORSINO, Patrícia; NUNES, Maria Fernanda. Infância e Crianças de 6 anos: desafios das transições na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Educação e Pesquisa**, v. 37, p. 69-85, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa; LIMA, Norma. Notas sobre inclusão, escola e diferença. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, n. 4. Pp, 824-832.

OLIVEIRA, Carolina; TIRIBA, Lea. Pandemia, crise de cuidados e educação ambiental: o que aprender com quem cuida da vida. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 6 – N. Especial – pág. 36 – 57, jun. – out. 2020.

PARAÍSO, Marlucy. Um currículo entre formas e forças. **Educação (PUCRS. Impresso)**, v. 38, p. 49-58, 2015.

SAVIANI, Dermeval. Crise estrutural, conjuntura nacional, coronavírus e educação – o desmonte da educação nacional. **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 10, p. 01-25.

VEIGA-NETO, Alfredo. As duas faces da moeda: heterotopias e emplazamientos curriculares. **Educação em Revista (UFMG)**, v. 45, p. 249-264, 2007.

[1] A pesquisa foi registrada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade. Todos os nomes usados são fictícios.